

A importância de limites para as crianças, na família e na escola

Cristina Pires Loureiro

Introdução

A pedagogia familiar e as aprendizagens decorrentes dos contatos infantis na rua, na vizinhança, nos grupos de recreio ou nos pátios dos colégios, quase nunca se coadunam bem nos tempos atuais. No passado, a família e a escola se completavam, se davam às mãos, se aliavam em seu relacionamento, na defesa e orientação da criança, fosse o estabelecimento público ou particular. No mundo técnico de hoje, mais inseguro e violento, com sérias e profundas crises econômicas e de mudança de valores, os contatos dos pais com a escola se fazem de maneira passageira. Isso enfraqueceu antigos elos pedagógicos, onde pais e professores atuavam juntos no papel de educadores, sendo o professor respeitado e adorado por seus alunos, assim como pelos seus próprios pais e estes tinham a consciência de que os professores eram de suma importância para a educação de seus filhos, mas não deixavam unicamente a cargo destes a transmissão da educação. Hoje, a mudança deste quadro, onde os pais deixam a educação a cargo da escola e dos professores, trouxe sérios prejuízos para a educação das nossas crianças, pois a maioria das queixas dos professores, são a falta de disciplina apresentada por seus alunos, sejam eles de que segmento for.

Esta falta de disciplina observada em algumas crianças de hoje, gera alguns problemas, problemas estes, que queremos que educadores e pais percebam, para que se conscientizem da importância dos limites, na formação do cidadão e o que sua falta pode causar-lhe:

- Descontrole emocional;
- Dificuldade em cumprir regras;
- Problemas de conduta;
- Problemas psiquiátricos.

Tais problemas muitas vezes são conseqüências da falta de entendimento dos pais quanto à diferença entre autoridade e autoritarismo: Zagury

(2000, A), Tiba (1996) e Prekop (1999), dividem a opinião de que os pais querem impor limites e não sabem como fazê-lo e, por isso, acabam se tornando autoritários.

Não se pretende esgotar a discussão sobre este assunto polêmico, mas sim tentar esclarecer alguns pontos que achamos de grande importância para pais, professores e educadores em geral, ajudando-os a verem a importância dos limites para as crianças, para que sejam jovens equilibrados. Discute-se também algumas alternativas pedagógicas para o recebimento de alunos com problemas comportamentais nas escolas.

Segue-se a seguinte ordem, a fim de melhor alcançar tal objetivo: no capítulo 1, a educação doméstica de hoje, será feita uma comparação da educação de antigamente com a dada hoje em dia pelos pais, abordando também, o papel da mulher (mãe) na educação de seus filhos e “a escola como educadora” sendo a atual oposição entre família e escola, a abordagem principal.

O capítulo 2 tratará da diferença conceitual entre autoridade e autoritarismo.

. Por último, apresento as considerações finais com relação ao objetivo proposto.

Capítulo 1: A Educação de hoje

Neste capítulo objetiva-se verificar a diferença da educação dada às crianças, antigamente e hoje em dia, devido à disparidade de conceitos educacionais existentes hoje, percebendo também, o papel da mulher na educação doméstica de hoje.

Cada família é uma singularidade na sua constituição, inerências e peculiaridades, de tal sorte que só a inteligência, a circunstância e o bom senso de cada lar ditarão os caminhos a seguir e as formas mais adequadas de resolver seus problemas, situações e limitações, tanto no governo da casa, quanto no encontrar os melhores métodos e meios de criar, orientar e educar os filhos. Segundo Tiba (2002, p. 46),

“Educar dá trabalho, pois é preciso ouvir o filho antes de formar um julgamento; prestar atenção em seus pedidos de socorro (nem sempre claros) para ajudá-lo a tempo. Identificar junto com o filho onde ele falhou, para que

possa aprender com o erro; ensiná-lo a assumir as consequências em lugar de simplesmente castigá-lo, por mais fácil que seja; não resolver pelo filho um problema que ele mesmo tenha capacidade de solucionar; não assumir sozinho a responsabilidade pelo que o filho fez, por exemplo ressarcir prejuízos provocados por ele ou pedir notas aos professores”.

A educação de hoje está muito mudada. Os pais querem ser considerados como “modernos” e por este motivo muitas vezes vão contra a educação que tiveram. Mas o que eles não percebem, é que esta tão almejada modernidade põe a desejar a educação transmitida a seus filhos, porque os pais passam a tomar atitudes diferentes das de seus pais e avós, não percebendo que atitudes, como dizer “não”, foram importantes em sua formação. Segundo Tiba, (2002 p. 47):

“A boa educação não se deve pautar pelos conflitos ou problemas que os pais tiveram na infância, mas pelas necessidades de cada filho. Mesmo que o casal tenha três filhos, cada um deve ser tratado como se fosse único, pois, embora os três tenham a mesma genética, o que impera é a individualidade”.

Cada um tem seu jeito de ser, pensar e agir. Por mais que se assemelhem, são pessoas diferentes.

Outra atitude que não é mais vista com frequência, são crianças pequenas ajudando suas mães ou responsáveis em deveres domésticos. Este tipo de atividade é muito importante para a criança, pois quando se tornar adolescente, fará suas atividades, normalmente, sem que seus pais peçam.

Quanto a este aspecto, Neill (1971,p36), diz:

“com adolescentes as mães têm, com certeza, o direito de dizer que devem dar sua parte no trabalho, mas com crianças mais novas não... a contínua imposição sobre uma criança não significa falta de amor paternal”.

Para Tiba,(1996,p28)

“É importante estabelecer limites bem cedo e de maneira bem clara porque, mais tarde, será preciso dizer ao adolescente de quinze anos que sair para dar uma volta com o carro do pai não é permitido, e ponto final” .

Phillips relata que, “desde os primeiros meses de vida do bebê os pais devem estabelecer claramente certos limites e devem escolher a hora e a forma adequada de dizer não” (1999, p. 125).

Ainda segundo Tiba (2002, p. 111),

“limites devem ser estabelecidos pela mãe também no momento da mamada. Ela não deve esperar que o bebê largue sozinho o seio, porque mesmo quando ele já está saciado pode querer permanecer agarrado ao peito só pelo prazer de sugar. Muitas vezes a mãe precisa ensinar ao bebê a mamar (não a sugar, porque isso ele já sabe); deve ensinar que aquele momento é para ele se alimentar. O carinho, a atenção, o prazer também fazem parte, mas o objetivo daquele instante é a alimentação”

Assim como alguns autores divergem sobre o estabelecimento de limites, desde bebês, os pais também, não educam da mesma maneira, principalmente aqueles que são separados, sem levar em consideração também que a educação difere de família para família, mas sabemos que os objetivos são os mesmos.

Os pais querem sempre o melhor para seus filhos e, desde pequenos, deveriam começar a ensinar-lhes o que é certo e o que é errado. A este impasse, Zagury(1994,p58) argumenta:

“na verdade com 12 anos, uma criança já deveria ter a consciência dos direitos mínimos dos outros. Quanto mais tarde começarmos, maiores as dificuldades. O dito popular “é de pequeno que se torce o pepino” é bem verdadeiro para nós, pais”.

Tiba argumenta (2002, p. 131), que:

“educar não é deixar a criança fazer só o que quer (buscar saciedade). Isso dá mais trabalho do que simplesmente cuidar porque equivale a inculcar na criança critérios de valor”.

A criança é regida pela vontade de brincar, de fazer. A cada movimento, está descobrindo coisas, num processo natural de aprendizagem. Junto, entram os valores. Quando quer fazer alguma coisa, a criança observa a reação dos pais; se ouve um “não”, insiste. Quer testar se o que dizem é mesmo para valer – até incorporar a regra. Leva algum tempo, mas ela aprende. Então, aquele critério de valor passa a fazer parte dela”. Mas se os pais dizem o “não” e, com a insistência, cedem, a criança sempre conseguirá o que deseja, pois os pais não foram capazes de incorporar uma nova regra.

Cada família deverá definir um conjunto de valores que querem preservar e transmitir para seus filhos, tendo a consciência de que todos pertencemos a uma sociedade que possui regras e normas (direitos e deveres), e que estes só terão resultados satisfatórios se forem ensinados desde a mais tenra idade, pois, para impor limites, tem que se ter bom senso e uma relação de diálogo entre pais e filhos e, acima de tudo, amor, carinho e compreensão.

Segundo Lima (1967, p. 47), “A vida normal da família depende da reciprocidade de direitos e deveres como condição fundamental”, onde serão estabelecidos regras e limites para uma convivência sadia entre os integrantes da família e até mesmo da sociedade.

Diante de tudo o que vimos, não poderíamos deixar de falar sobre o papel da mãe na educação familiar, o que é abordado a seguir.

Papel da mãe na educação familiar

Criar filhos nos tempos presentes requer tolerância e muito senso pedagógico.

À família, cabe a função de educar, por ser o núcleo original da sociedade. Esse encargo educativo no seio da comunidade familiar é de ambos, pai e mãe, mas, sobretudo, da mulher. Esta se comunica melhor e tem mais empatia e doação afetiva para se entender com os filhos.

“O pai tem sua autoridade baseada nos deveres que tem para com a mulher e os filhos. A mulher tem seus direitos

intangíveis, como esposa ou como mãe, enquanto fiel aos seus deveres conjugais e maternos.” (Lima, 1967, p. 48).

Para Pestalozzi, (1980, P.18) “a mãe é a mais autêntica educadora, verdade que subsiste através dos tempos, porque quando a mãe falha, a família entra em fracasso”.

Divórcios, separações, desquites, são percalços das mudanças de estilo da convivência familiar e da estrutura social, pois por mais que um dos pais seja presente, ele não pode suprir completamente a ausência do outro. Na época em que vivemos, torna-se cada vez mais necessário o trabalho da mãe fora de casa em reforço ao orçamento doméstico, resultando em prejuízo da assistência ao lar e educação dos filhos. Neste momento, o grande desafio do casal ou da própria mulher é conciliar trabalho e educação dos filhos. A jornada de trabalho, acumulada com as atividades domésticas, dificulta ainda mais o papel da mulher na educação dos filhos, sejam eles bebês, crianças ou adolescentes, porque, na maioria das vezes, os filhos ainda são responsabilidade da mulher, mesmo que ela trabalhe fora e sua participação no orçamento familiar seja maior que a masculina. Segundo Tiba, (2002, p. 42):

“Não é o fato de trabalhar fora que prejudica a mulher, a criança e a família. Mas a postura de culpa que a mãe assume na volta ao lar. Mal entra em casa ela corre a atender todo mundo, sem se dar sequer direito a um descanso. A mulher que trabalha fora deve exercer outro tipo de papel como mãe e administrar a casa de forma diferente. Não pode exigir de si o mesmo que se espera de uma mãe que ficou o dia inteiro no lar. ela se tornou uma mulher globalizada mas ainda não integrada. A mulher integrada faz com que o ambiente doméstico seja diferente, com filhos mais independentes e cooperativos, que ajudam no andamento da casa e na rotina familiar. Enquanto ela está fora, a responsabilidade de manter a casa em ordem cabe aos filhos que lá ficaram. Em vez de arregaçar as mangas e arrumar a bagunça, a mulher integrada exige que os filhos arrumem tudo e que da próxima vez a casa esteja em ordem quando ela chegar em casa”.

Isto é um tipo de limite, o qual a mulher que trabalha fora terá que desenvolver em seu(s) filho(s) e no seu marido, para que não recaia sobre ela, toda a responsabilidade de organização e educação.

Quando a criança comete erros, sejam eles disciplinares ou não, a culpa recai sobre a mãe, devido à sua importância na educação dos filhos. Educação esta, que também deveria ser dada pelo pai. Mesmo que não vivam juntos, os pais devem entrar em acordo sobre a educação de seus filhos. Como muitos pais não acertam com a educação de seus filhos, deixam-na por conta da escola, cabendo aos profissionais da Educação o papel de educadores.

Com tudo que vimos neste capítulo, constatamos que os educadores ficam sobrecarregados devido à falta de imposição de limites pelos pais em casa.

Com isso, podemos perceber como a educação hoje é diferente da passada, onde rigorosos limites eram impostos. Tudo isso corrobora um dos nossos objetivos que era mostrar essa disparidade entre as educações de “ontem” e hoje.

A Escola como educadora

Abordaremos aqui, o papel da escola educadora na educação de hoje e papel de seus profissionais, que, na maioria, são mulheres que possuem várias jornadas, como mãe e professora.

A feminização da profissão docente aconteceu na segunda metade do século XIX, quando a mulher, mãe e dona de casa, passa a lecionar fazendo da escola uma extensão de sua casa, surgindo assim o uso da “tia” no lugar de professora, o que é visto até hoje.

A grande maioria dos trabalhadores da educação, há muito tempo, é do sexo feminino; sem a dedicação, o comprometimento e a crescente qualificação desse enorme contingente de professoras, pesquisadoras e diretoras, não teríamos esta feminização, fazendo da escola uma segunda casa.

Hoje, segundo Tiba (1996, p. 30): “os grandes responsáveis pela educação dos jovens – na família e na escola – não estão sabendo cumprir seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa e do professor orientador na escola”.

Com esta falência, professor e orientadores têm dificuldade em estabelecer limites, que eram bem determinados nas gerações passadas.

Cabe a eles transmitir as regras da sociedade, transformando seu aluno em cidadão, com padrões de comportamento e limites, com consciência de direitos e deveres e de responsabilidade. Essas regras só são incorporadas no dia-a-dia dos alunos se também forem transmitidas pela família, caso contrário o aluno fica perdido quanto às regras que deverá seguir.

Pestalozzi(1980,p18), definiu que:

“o elo que deve existir, unindo a família à escola, o que infelizmente não se dá como preconizado, ensinou que os pais são educadores determinados pela natureza e que, em seu trabalho educativo, estão apoiados pela escola, apoio que, nos últimos tempos, pelas injunções e conjunturas sociais, pouco se tem verificado”.

Assim como Teles(1993,p.15) diz que:

“o complemento da educação no lar, é a escola como instituição encarregada de educar formalmente a infância e a juventude, inclusive consolidando hábitos e atitudes educativas iniciadas no lar; melhor ajustem à criança para viver, no futuro, como cidadão. Assim, escola e família devem se completar no seu afã educativo”.

O que não se tem visto, pois, muitas vezes, escola e família seguem caminhos distintos. O que se observa ultimamente é que a maioria dos pais deixa a cargo da escola o estabelecimento de limites e regras para as crianças, quando deveria ser o contrário; o papel da escola deveria ser de consolidadora de hábitos e atitudes e não de estabelecadora destes.

Outro ponto é a autoridade e o autoritarismo, onde os pais não sabem diferenciá-los corretamente, conforme veremos no capítulo a seguir.

Capítulo 2: Autoridade e Autoritarismo

Vê-se neste capítulo, as diferentes visões entre autoridade e autoritarismo, perante os pais e os autores estudados, a fim de percebermos a diferença entre o que falam e o que fazem, no caso dos pais, pois muitas

vezes são autoritários e não percebem, uma vez que usam como referencial somente seus pontos de vista.

Parte-se da definição de Zagury (2000 B, p. 31),

“autoritário, é aquele que exerce o poder utilizando como referencial apenas o seu ponto de vista (que é sempre visto como único correto), a força física ou o poder que lhe confere sua posição ou cargo que ocupa, nunca levando em conta o que o outro deseja ou pensa.”

Ainda para Zagury, (2000 B, p. 32),

“O pai que tem autoridade, por outro lado, ouve e respeita seu filho, mas pode por vezes, ter de agir de forma mais dura do que gostaria, às vezes até impositivamente, mas sempre o objetivo será o bem-estar do filho, protegê-lo de algum perigo ou orientá-lo em direção à cidadania”.

Segundo as definições da autora, o pai que ouve e respeita seus filhos, exerce sobre eles sua autoridade, pois seu objetivo é apenas protegê-los.

Ao agir com segurança e firmeza, conscientes dos nossos objetivos educacionais, se poderá ter autoridade, sem ser autoritário, demonstrando amor, carinho e segurança para filhos e alunos, os quais passarão a nos respeitar e a compreender nossas preocupações.

É importante lembrar que: “os primeiros moldes básicos de comportamento social, a criança copia de seus pais. Ela é mais que um simples observador passivo, pois relaciona a si mesma todos os acontecimentos ao seu redor”. (Prekop, 1999, p. 133/134)

Esta “cópia” do comportamento social de seus pais ocorre em qualquer idade. Tenho um exemplo claro disso em minha vivência em sala: havia um aluno novo na escola, na classe onde os questionários foram aplicados. Ele falava alto, arrotava e muito mais. Eu ficava horrorizada com aquele comportamento. Até que, num determinado dia, em uma festinha de aniversário de um colega de turma, seu pai chegou e se sentou à nossa mesa. Este senhor bebeu, comeu e conversou, ou melhor, gritou. Após beber bastante o pai soltou um sonoro arrote. Fiquei encabulada. Entretanto, este agiu como se fora a coisa mais normal do mundo.(grifo nosso)

Só então verifiquei de onde vinha aquele comportamento do meu aluno. Ele imitava seu pai.

Segundo Tiba, (1996, p. 30)

“as crianças aprendem a comportar-se em sociedade ao conviver com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendida por meio de limitação, da experimentação e da invenção. Quando os pais permitem que os filhos, por menores que sejam, façam tudo o que desejam, não estão lhes ensinando noções de limites individuais e relacionais, não estão lhes passando noções do que podem ou não podem fazer”.

Cabe aos pais não serem autoritários, pois, se o forem, a criança muitas vezes incorpora este tipo de atitude em suas relações, passando a atuar autoritariamente com todos que a cerca. A melhor educação se dá pelo exemplo.

Para Tiba (1996, p. 32)

“autoridade é algo natural e que deve existir sem descargas de adrenalina, seja para se impor, seja para se submeter, pois é reconhecida espontaneamente por ambas as partes”. Já o autoritarismo, ao contrário, é uma imposição que não respeita as características alheias, provocando submissão e mal-estar tanto na adrenalina daquele que impõe, quanto na depressão daquele que se submete”.

O autor deixa claro que autoridade é a pessoa se impor naturalmente, sem ser arrogante, sem menosprezar algo ou alguém. A autoridade é conquistada através de atitudes e não de arrogância, pois se a pessoa não respeita a opinião dos outros e quer impor somente a sua vontade, ela mesma não possui autoridade, mas sim, é autoritária.

Um exemplo dado por Tiba (2002, p. 30) deixa claro que esta distinção de autoritarismo e autoridade, pois, castigo por si só, não educa e sim, o faz assumir suas conseqüências,

“assim que perceber que a criança não guardou o brinquedo ou não quer guardá-lo, é preciso dizer em tom sério (não com um grito nem com agressividade, pois a razão está com você): “Vou contar até 3 para você guardar esse brinquedo. Se quando eu chegar ao 3 você ainda não tiver guardado, vamos dar o brinquedo para uma criança carente. Se você não quer cuidar dele, tem gente que eu sei que quer esse brinquedo”.

Geralmente, a criança guarda antes de chegar a 3. Mas, se não guardar, pegue o brinquedo enquanto diz “você acaba de perder este brinquedo” e deixe-o num lugar inacessível a ela. Na primeira oportunidade, acompanhe seu filho para que ele faça a doação a uma criança carente. A consequência é “perder o brinquedo do qual não se cuidou”. (2002, p. 30)

O importante neste caso é, o pai ou a mãe, não devolver o brinquedo e fazer realmente o que foi prometido, de preferência com a criança junto para que possa refletir sobre o que aconteceu.

De acordo com minha vivência, este tipo de atitude não acontece.

Muitas vezes, após queixar-me aos pais da indisciplina de seus filhos, era dito que os seus filhos não iriam mais brincar, iriam guardar videogames, etc. Entretanto, sempre no dia seguinte a essas reuniões, perguntava aos alunos o que os pais lhes tinham passado e/ou falado sobre a reunião. A resposta, em grande maioria, apontava para uma reclamação formal dos pais aos próprios alunos. Quanto à posição com relação ao castigo, eles me respondiam que não haviam sofrido qualquer repreensão.

Diante de tal quadro, fico preocupada, pois os pais não têm autoridade, dado que os filhos continuam indisciplinados. Também não são autoritários, dado que não possuem seus desejos.

Tiba (1996) assim como Zagury (2000) aprova uma autoridade saudável, onde se saiba estabelecer limites e valorizar a disciplina, pois só assim será adquirido o respeito, seja ele para com pais ou professores.

Considerações Finais

De acordo com nosso primeiro objetivo, que era verificar o que significa a imposição de limites na educação atual, através de questionários aplicados, nossa expectativa foi corroborada, pois percebemos que os pais de hoje não impõem limites como seus pais e avós, que eram bastante rígidos.

Esta atitude dos pais atuais para com seus filhos, também era percebida diariamente por mim, professora dos alunos cujos pais foram avaliados na pesquisa. Percebia que em casa, através dos relatos dos próprios alunos, poucos limites lhes eram impostos e por isso, sentia dificuldade em impor-lhes os limites da escola.

Voltamos, então, a outro objetivo, que era mostrar o quanto os educadores ficam sobrecarregados, uma vez que os pais não estabelecem os limites necessários, deixando-os a cargo da escola, o que antigamente não acontecia, pois escola e família andavam lado a lado, rumo à educação.

Qual seria o papel da escola?

Pelo que vimos aqui, os pais, na maioria das vezes, estão deixando a educação de seus filhos a cargo das escolas, seja porque não têm tempo ou porque não querem ser autoritários. A escola, com isso, ficou sobrecarregada. Além de ensinar os conteúdos, também tem que ensinar o aluno a respeitar seus semelhantes.

Muitas escolas não dão conta de todo este trabalho. Caberia aos donos e diretores de escolas, públicas ou particulares, investirem na capacitação de seus profissionais, para que estes sejam capazes de educar eficazmente seus alunos e conscientizar os pais da importância dos limites para a educação de seus filhos.

Poderiam ser feitas parcerias entre as escolas e as famílias de seus alunos, através de projetos como feiras de ciências, alimentação, educação no trânsito, entre outros, onde os alunos exporiam o que aprenderam e os pais iriam ver e, com isso, a escola traria os pais para o convívio escolar e assim seria mais fácil abordar temas como indisciplina e falta de limites.

Diante de tudo que foi visto, não queremos aqui esgotar este assunto, mas talvez torná-lo presente em nossas vidas, para que tenhamos a consciência de que a imposição de limites, sejam eles em casa, na escola ou na rua, é o principal caminho para formarmos um jovem consciente de seus atos e podermos assim, concluir, o quão difícil, mas não impossível, é a educação para a vida toda.

Referências

1. LIMA, Alceu Amoroso. A família no mundo moderno. Rio de Janeiro. Agir, 1967. p. 47- 48.
2. NEILL, A.S. Liberdade sem excesso; São Paulo: IBRASA, 1971.
3. NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores: in: Profissão do Professor, Cidade do Porto: Porto, 1991.
4. PESTALOZZI, João Enrique. Mãe e Filho. Rio de Janeiro: Atlas, 1980.
5. PHILLIPS, Asha. in: Revista Veja, 1999. p. 125.
6. PREKOP, Jirina. O Pequeno Tirano: Os limites que a criança precisa. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
7. TELES, Sá. Pedagogia Familiar; Salvador: Ianamá, 1993. p. 17-28.
8. TIBA, Içami. O Limite na medida certa., São Paulo: Gente, 1996.
9. TIBA. Quem ama educa, São Paulo: Gente, 2002.
10. ZAGURY, Tânia. Sem Padeecer no Paraíso: Em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos. Rio de Janeiro: Record, 1991.
11. ZAGURY. Dizer não: Impor limites é importante para você e seu filho. Rio de Janeiro: Campus, 2000.(A)
12. ZAGURY. Educar sem culpa: a gênese da ética; Rio de Janeiro: Record, 1994.
13. ZAGURY. Limites sem trauma: construindo cidadãos; Rio de Janeiro: Record, 2000.(B)